

A batalha de Okinawa acabou?- Memória, diáspora e fluxos setenta anos depois da II Guerra¹

Yoko Nitahara Souza - UnB

Resumo

2015 marcou setenta anos da Batalha de Okinawa. A mais sangrenta da II Guerra Mundial, a maior da história contabilizando 250.000 mortos. Um terço da população de Okinawa pereceu durante a batalha. As narrativas estão registradas nos muitos museus e monumentos a exemplo do Himeyuri no to, nas cavernas Chimuku e Chibichiri, nos penhascos de onde civis se suicidaram, no local para onde milhares de corpos foram levados e sobre eles se amontoou pedras chamado Kompaku no to. Ouvi pessoalmente relatos como de Keiko Taira, uma das 59 sobreviventes do naufrágio do navio Tsushima Maru torpedeado pelo submarino americano Bowffin quando levava cerca de 1300 civis, a maioria crianças de Okinawa para as ilhas principais do Japão ou mesmo Kiyoko Hijirida, que se escondeu ainda criança nas *ohaka*, os grandes túmulos familiares em formato de ômega, cujo nome é *kame ko baka* ou casco de tartaruga, mas alude ao formato do útero feminino. O choro de sua irmã mais nova poderia denunciar toda a família, então foi tirada da *ohaka* e assim foi morta. Os locais marcados pela guerra são muitos e visitei vários deles em Okinawa.

Fui em poucos museus no Japão, como o museu etnográfico de Osaka, *Minpakku kinen koen* e não vi nenhuma referência à II Guerra. Em Osaka e Kyoto, os castelos e especialmente os seus biombos ilustram cenas de batalhas da época dos Samurais e aludem ao poder do *shogunato*. De modo radicalmente inverso, em Okinawa não há um único museu que não tenha alguma referência à Batalha de Okinawa e o castelo de Shuri, sede do independente reino de Ryukyu, ilustra as relações que mantinha recebendo visitantes e negociando em seus portos.

A etnografia multisituada (Marcus 1995) empreendida no Havaí em fevereiro e março de 2013 e no arquipélago de Okinawa, ao sul do Japão entre dezembro de 2013 e junho de 2014 e iniciada em diversos estados brasileiros como Paraná, São Paulo e Distrito Federal entre a comunidade *nikkey* e okinawana especificamente, foi atravessada de ponta a ponta pela memória da trágica catástrofe representada pela

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de

Batalha de Okinawa. Muitos okinawanos com que conversei buscam compreender como se passaram os dias, semanas e meses deste verdadeiro holocausto. Neste trabalho apresento a trajetória de vida de alguns okinawanos e descendentes, de diversas gerações e países, acerca de suas pesquisas independentes e memórias sobre a Batalha de Okinawa. A percepção de que a presença massiva das bases militares americanas mesmo após a reversão administrativa ao governo japonês em 1972, mantendo um diversificado e numeroso aparato de guerra é tido por muitos okinawanos como o prolongamento da Batalha de Okinawa. Como a Antropologia pode atuar? É possível interpretar as diversas vozes que proliferam acerca das manipulações históricas de eventos críticos (Daas, 1995)?

Palavras Chave

Batalha, Okinawa, Memória

Introdução

Um dos mais presentes fatores em comum, que atravessam praticamente todas as trajetórias de vida dos okinawanos com que mantive contato foi a forte memória da Batalha de Okinawa. Há um grande número de uchinaanchu ou suupa uchinaanchu (Nitahara Souza, 2016), como chamo os okinawanos e descendentes que afirmam a identidade uchinaanchu a partir da diáspora e também em Okinawa, que se dedicam a pesquisar sobre a Batalha de Okinawa. É o caso de Eric Wada, professor de odori (dança) em Honolulu, Hélio Higa, economista e antigo presidente da associação Okinawa de Curitiba, Kiyoko Hijirida, professora de uchinaaguchi, a língua de Okinawa, no Havá e Karina Satomi, cientista social e atual presidente do Urizun, o círculo de bolsistas de Okinawa. Este artigo se baseará na trajetória de vida de Karina, relatada em entrevista e na publicação dos resultados de suas pesquisas no blog chamado Okinawando, realizado em parceria com o fotógrafo, também bolsista em Okinawa Vitor Hideki Higajo. Trago também a entrevista com Kiyoko Hijirida sobre sua trajetória e Eric Wada centrado a etnografia na viagem de estudos realizada por um grupo de cerca de quinze pessoas. Planejada e guiada por ele, a viagem de estudos realizadas com frequência no mínimo anual, inclui muitos locais marcados pela guerra. Assim acompanhei o grupo em visita ao local onde os americanos desembarcaram em Okinawa, cavernas Shimuku e Chibichiri, cujas histórias foram diferenciadas devido à presença de uma pessoa que havia vivido no Havá e retornado

a Okinawa. Também ouvimos o relato de Keiko Taira, sobrevivente do naufrágio do navio Tsushima maru, bombardeado pelo submarino Bowfin.

Em 2015 o chamado Irei no Hi, ou em uma tradução imprecisa, dia em memória dos mortos na Batalha de Okinawa, 70 anos após o fim da batalha foi motivo de uma postagem explicando o que aconteceu para o feriado existir apenas em Okinawa. Karina já havia retornado ao Brasil, no entanto em Okinawa o governador eleito com base em uma plataforma abertamente contra a presença e ampliação das bases militares em Okinawa discursou nas cerimônias em memória aos mortos realizada no Heiwa Kinen Koen ou parque memorial da Paz. Em suas palavras fica claro o sentimento comum a muitos okinawanos, de que a Batalha de Okinawa ainda não acabou.

No entanto os posicionamentos políticos quanto à presença das bases militares americanas em Okinawa apresenta altos e baixos. A cada caso de crimes, acidentes e violência contra mulheres os ânimos se exaltam. O mais recente caso, da jovem Rina, de 20 anos, desaparecida no final de abril de 2016 cujo corpo foi encontrado com sinais de violência sexual e estrangulamento. Tal crime foi motivo de repreensão no encontro do primeiro ministro Shinzo Abe ao presidente americano Barack Obama em visita ao Japão. Apesar do tom rígido do discurso de Abe, um amigo, cidadão americano residente em Honolulu, alertou-me, via comentários do facebook, que tais palavras não se reverteriam em diminuição da presença militar americana efetiva em Okinawa. De modo semelhante a outro acontecimento trágico, o estupro e assassinato de uma garota de 12 anos ocorrido em setembro de 1995, mobilizou milhares de pessoas em um enorme protesto, seguido de falas de autoridades que não representam uma mudança real na pesada carga que representa hospedar 15 das 17 bases militares americanas localizadas no Japão. Shun Medoruna, o pseudônimo de um professor, foi ganhador do prêmio Akutagawa em 1997, por seu conto Droplets, onde descreve como ficção o assassinato de uma criança americana em Okinawa reportando-se a este crime de 1995. Em sua narrativa ficcional, descreve-se como um dos participantes do imenso protesto que de modo espontâneo aglomerou milhares de pessoas em frente à base militar americana de Kadena. O autor também critica a extrema passividade dos okinawanos, que considera viverem espremidos entre as bases e sobrevivendo de migalhas dos dólares que ali circulam.

O artigo versa principalmente sobre o sentimento compartilhado pelos okinawanos residentes nas ilhas e também os okinawanos emigrados e seus

descendentes quanto a continuidade da Batalha de Okinawa. A memória acerca da Batalha de Okinawa marcou muitos locais de modo indelével. Por toda a ilha há museus e monumentos relacionados diretamente a eventos trágicos da Batalha de Okinawa, procedo assim a uma etnografia de alguns destes locais. A trajetória de vida e resultado das pesquisas de Karina Satomi Matsumoto é analisada ainda neste artigo. Seu interesse e a realização da pesquisa demonstra tanto o sentimento quanto a continuidade da Batalha de Okinawa se estende a descendentes de Okinawanos mesmo de terceira geração. Talvez de modo mais intenso o interesse em conhecer mais sobre a II Guerra, em especial a batalha de Okinawa e as bases está bastante presente entre os que chamo de Suupa Uchinaanchu.

A batalha de Okinawa (1 de abril 1945 ao fim da WWII)

A batalha de Okinawa (abril a 23 de junho de 1945) foi a mais sangrenta da II Guerra, contabilizou cerca de 262.000 mortes, entre eles 150.000 civis. A batalha de Okinawa se constituiu em um fato histórico considerado um holocausto, segundo Yamashiro:

A enciclopédia Okinawa registra que na verdade a luta começou em 26 de março, quando tropas americanas desembarcaram nas ilhas Kerama, dando-se o fim dos combates em 7 de setembro. Cidades como Shuri e Naha foram completamente destruídas. À época, a população de Okinawa –ken era de cerca de 450 mil almas. Os mortos das forças imperiais somaram mais de 90 mil, 10 mil caíram prisioneiros. Mais de 140 mil civis okinawanos pereceram, sem contar os que morreram depois, em consequência dos ferimentos recebidos, doenças e subnutrição causada pela escassez de alimentos. As perdas americanas somaram o total de 12.500 homens. Segundo o professor Shuzen Hokama, Okinawa acabou sendo um ‘peão sacrificado no xadrez da defesa do Japão metropolitano’[...] Terminada a batalha de Okinawa, com a derrota das forças nipônicas, os americanos ocuparam e decretaram a cessação do poder japonês nas ilhas Seinan [...] O documento constitui a primeira proclamação oficial da conquista de Okinawa pelos Estados Unidos da America[...] A ocupação de Okinawa representava a continuação da guerra, embora, com o correr dos anos, o adversário dos americanos não fosse mais o Japão, e sim a União Soviética e, secundariamente, a China comunista. A Guerra fria tornaria a ocupação mais demorada, pois Okinawa foi transformada em base militar vital para os Estados Unidos na área do Pacífico ocidental. Os motivos da ocupação de Okinawa alegados pelos americanos residiam fundamentalmente na importância estratégica das ilhas. A prioridade deles era construir suas bases militares. Sem outra opção, os okinawanos trabalharam como operários dessas obras [...] as 49 instalações militares

ocuparam mais de 11% da área total de Okinawa [...] Devido à natureza militar da ocupação, havia pressão (senão censura) sobre órgãos de informação, restrição de viagens para o cidadão comum e outros atos atentatórios à liberdade e aos direitos humanos[...]o Japão vencido sacrificara Okinawa: justamente a província mais sacrificada na guerra, a única a sofrer invasão de tropas inimigas em seu solo, fora entregue ao adversário vencedor. Inconformados com a separação forçada, os Okinawanos deram força ao movimento de volta ao Japão, *Nihon fukki undô*, que se expandiu, cresceu, tornando-se uma poderosa corrente de opinião e angariando apoio dos próprios órgãos de comunicação de massa do Hondo[...]A 15 de maio de 1972 Okinawa tornou a integrar o território nipônico. Todavia os americanos mantiveram suas bases militares, pois consideravam Okinawa um porta-aviões inafundável e indispensável na sua linha de defesa do Extremo Oriente contra as potências comunistas. (Yamashiro, 1993: 225-31)

A batalha de Okinawa (abril a junho de 1945) foi a mais sangrenta da II Guerra, há quem afirme ter sido a maior em número de morte de todas a história, contabilizou cerca de 262.000 mortes, entre eles 150.000 civis. Okinawa foi possessão dos Estados Unidos de 1945 a 1972, operacionalizando com as bases instaladas no arquipélago as guerras da Coreia, Laos, Camboja, Indochina e Vietnam. Mesmo após a reversão administrativa de Okinawa ao Japão as bases militares foram mantidas, dando suporte às investidas americanas contra o Iraque e o Afeganistão.

A memória viva da Segunda Guerra Mundial deixou marcas profundas na comunidade uchinaanchu. Buscar entender como se passaram os dias de guerra é um interesse de muitos uchinaanchu, que empreendem um grande esforço individual em pesquisar sobre Okinawa. A situação de penúria e horror por que passaram os uchinaanchu durante e após a guerra é frequentemente lembrado em frases como “não tinham o que comer”, “eram obrigados a cozinhar com óleo combustível”, “houve massacres e suicídios coletivos nas cavernas de Okinawa”, “os soldados japoneses foram mais cruéis com os okinawanos do que os americanos”, “não sobrou nada, foi tudo destruído, foi arrasado”. “Okinawa que mais sofreu na guerra”, “foi o primeiro lugar a ser entregue, e foi entregue mesmo.” O sofrimento e dificuldades extremas durante a guerra é tida por muitos como um fator a gerar a necessidade de uma eficiente solidariedade. Há quem considere o intenso sofrimento histórico pela qual passaram os Okinawanos como uma prova e um fortalecedor da solidariedade e do espírito uchinaanchu.

Wesley Iwao Uenten (2007) relata que nos campos de concentração de japoneses nos Estados Unidos (para onde foram levados – sequestrados - inclusive japoneses que estavam na América Latina), os uchinaanchu improvisavam *sanshin* de lata (instrumento de corda, originalmente de madeira e revestido com pele de cobra) apelidado de *kankara sanshin* e se reuniam para tocar, cantar e conversar a despeito da terrível situação em que se encontravam. A forma mais descontraída e flexível com que encaravam a situação é creditada ao espírito uchinaanchu e era motivo de conflitos entre japoneses e okinawanos que conviviam internados forçadamente nestes locais. Tantas referências na bibliografia sobre Okinawa bem como na fala cotidiana dos uchinaanchu e seus descendentes sobre os horrores e consequências da guerra faz com que a temática seja contundentemente posta em questão. Mesmo com o ranço e amargura com relação ao bastante recente passado histórico de dominação japonesa e americana em Okinawa os uchinaanchu encaram a vida e a reconfiguração de sua comunidade guiada por valores caros ao espírito uchinaanchu, como a abertura, o calor humano, o pacifismo, a informalidade, a flexibilidade e a solidariedade.

“Geography is Destiny” século XX e XX

O período contemporâneo é marcado em Okinawa por um sentimento de impotência e desesperança em ver a ocupação continuada das bases militares americanas cessar. Em meio a relações supralocais com Japão e Estados Unidos, duas superpotências mundiais, Okinawa se vê destituída de poder de decisão sobre o território do arquipélago. A ocupação geográfica do solo em Okinawa é determinado pela escassez de território em áreas da população civil em contraposição aos amplos espaços vistos no interior das cercas das bases militares americanas. A concentração populacional em Okinawa faz com que a arquitetura dos prédios siga exatamente o formato do lote de terra. Na área central e sul da ilha são escassas as áreas agrícolas rurais, sendo possível encontrar áreas menos densamente povoadas na região norte, conhecida como Yanbaru やんばる, nome dado à região montanhosa da ilha, que se transformou em referência a um estilo de vida mais interiorano e rural, com uma culinária diferenciada. É nesta área que se encontram os mais extensos campos de treinamento Americano. É para a costa da região norte da ilha, cuja cidade mais importante é Nago, na vila de Pescadores chamada Henoko que os governos do Japão e Estado Unidos pretendem “realocar” a base de Funtenma que hoje ocupa a área

central da ilha de Okinawa. Tal plano teve início nos anos 80 e tem sido alvo de grandes mobilizações em contrapartida à grandes pressões militares e desenvolvimentistas. No entanto a presença das bases militares Americanas se estende a problemas muito maiores do que a “realocação” de uma base. A permanência e impossibilidade de se cogitar a redução da presença militar americana são demonstrativos que o avanço do processo de descolonização ainda não atingiu esta ilha.

Harvey (2003) fala sobre o “New Imperialism sob a lente do materialismo histórico/geográfico” para falar sobre a ofensiva oficial americana contra o terrorismo como uma demonstração de poder neoconservador. A presente situação de Okinawa em sua luta por democracia se estende por mais de meio século, como uma forte demonstração de que o velho imperialismo coexiste com esta nova versão apresentada por Harvey. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, com a assinatura do tratado de San Francisco, momento em que muitos dizem que Okinawa foi trocada pela independência do Japão, encerra-se a ocupação americana naquele país, no entanto o território de Okinawa permanece sob administração americana.

Se a ocupação no Japão dura cinco anos, em Okinawa vai de 45 a 15 de maio de 1972, momento da reversão. Neste período as instalações das bases americanas foram ampliadas com base nas ações “Bayonett and Bulldozers” como ficou conhecido o período quando, com a população sob a mira de baionetas e rifles, tratores e escavadeiras “limpavam o terreno” para a construção das instalações militares americanas. O movimento civil por direitos humanos começou já neste período pós-guerra. Tal termo não é utilizado pelos membros deste movimento contra a ocupação e ampliação das bases militares americanas, pois segundo eles “Here on the island, we don’t use the phrase ‘postwar,’ ” explains Shoko Jahana, the Treasure House of Life museum’s caretaker. “For us, it is as though we are still living in a war zone.” Jon Mitchel <http://www.japantimes.co.jp/life/2011/05/22/travel/iejima-an-island-of-resistance/#.VZbuQhNViko>

A privilegiada e estratégica localização do arquipélago de Ryukyu o faz ser conhecido como a porta do pacífico. O general Gregson ao defender a permanência e ampliação das bases militares americanas em Okinawa como uma garantia para a paz mundial, declarou abertamente: “Geografia é destino”. No entanto negou o interesse americano em permanecer com o seu “porta aviões inafundável” mantendo vigilância sobre a China, Rússia, Coreia do Norte, Vietnam. Ao ser questionado diretamente por

Tomohiro Yara se caso o Japão ofereça as instalações em outros locais do seu território eles desocupariam Okinawa. A resposta foi afirmativa, pois Estados Unidos, como país que envia as tropas, não pode escolher a localização específica das bases. Assim para Tomohiro Yara, economista e especialista para assuntos de bases do jornal Okinawa Times, a questão passa a ser de política interna ao Japão. Há quem afirme que Okinawa foi sacrificada em troca da liberdade do Japão, o que demonstraria uma forte discriminação contra Okinawa.

“A guerra não acabou em Okinawa” - Mudança na constituição japonesa

Com o fim da II Guerra o Japão promulgou uma constituição Pacifista que não permite o uso e posse de armas nucleares. Ao mesmo tempo assinou um acordo de segurança com os Estados Unidos que utilizam como bem entendem as instalações militares em território Okinawano, já tendo sido descoberto e comprovado o uso de agente laranja e outros químicos altamente tóxicos por toda a ilha de Okinawa. O manuseio de armas nucleares também é feito a bel prazer do Estados Unidos, uma vez que as bases são área americana no Japão, sem qualquer controle ou fiscalização. Assim as guerras do Vietnam, Iraque e Afeganistão foram efetivamente manejadas a partir de Okinawa. Toda a ação militar de manuseio e armazenagem de armas nucleares é ilegal perante a Constituição Japonesa, no entanto o primeiro ministro Shinzo Abe tem manobrado para que a constituição sofra mudanças em seus artigos pacifistas. O argumento amplamente utilizado, tanto por americanos como pelos japoneses para justificar a presença militar em Okinawa, é o medo de ataques da China, que tem reclamado domínio sobre as ilhas Senkaku, em Japonês ou Diaoyu em Chinês.

A efetiva ocupação Americana do Japão durou cinco anos a partir da assinatura da rendição em setembro de 1945. Ruth Benedict descreve a cena de recepção dos soldados americanos pela população Japonesa, quando as mães seguravam as mãos das crianças ainda muito pequenas para acenar por conta própria aos soldados que reconstruiriam o país. No entanto com a assinatura do tratado de segurança da aliança do Pacífico, Okinawa permaneceu sob administração americana até 15 de maio de 1972. Mesmo com toda a pressão ocorrida por anos para a reversão ao Estado Japonês, tal reversão não ocorreu da maneira como os Okinawanos almejavam, pois as bases militares permaneceram inalteradas.

Durante o período em que Okinawa foi mantida sob administração Japonesa era preciso uma autorização para que japoneses visitassem a ilha. Da mesma forma para os okinawanos entrarem no Japão se requeria visto.

Kojima (2007) através da análise de discurso percebe como a memória da batalha de Okinawa inicialmente estava absolutamente ausente nos discursos que reivindicavam a reversão de Okinawa à administração do Japão, passando por uma emergência desta memória ligado ao discurso de vitimização até chegar ao discurso que considera a batalha de Okinawa como um inegável caso de vitimização em cem anos de discriminação.

Com a eleição do governador Onaga em 2015 as palavras de seu discurso no Irei no Hi, ou dia em que se lembrou 70 anos que se encerrou a batalha de Okinawa. O discurso foi considerado uma declaração de paz, foi transcrito, traduzido e disponibilizado nas redes sociais como um marco de mudança no posicionamento político firme representando o povo de Okinawa.

Peace Declaration (Full Text)

Takeshi Onaga, the governor of Lew Chew

<https://youtu.be/7EqcBEJn5ow>

June 23 has come for the 70th time.

One of the most ferocious land battles in history occurred in our homeland of Okinawa. More than 200,000 precious lives were sacrificed. We will never be able to forget the sadness of losing our loved ones; our family and our friends.

We cannot forget because in Okinawa, we have the memory of the horrors war brings clearly etched in our eyes and ears, and on our skin. We cannot forget because we wish from our hearts for the peace of those who were lost in war, and we fervently hope for eternal peace. Our strength helped us walk a path of reconstruction and development after the war without ever forgetting those wishes and hopes.

However, 73.8 percent of U.S. military exclusive use facilities in Japan, which uphold the U.S.-Japan security system, are located in Okinawa, which makes up only 0.6 percent of Japan's land mass. This excessive burden of bases continues to impact the lives of Okinawans and Okinawa's economic development in a multitude of ways. Even if the U.S. military bases south of Kadena Air Station are consolidated as part of the U.S. military realignment, beginning with the relocation of MCAS Futenma to Henoko, the proportion of U.S. military exclusive use facilities in Japan that are located in Okinawa will only be reduced by 0.7 percent. The timeline for return of this land is also unclear. Therefore this plan far from amounts to a reduction of the base burden.

Okinawa's U.S. military base issue is an issue of Japan's national security, and it is a crucial issue that should be shouldered by Japanese citizens as a whole. In particular, regarding the relocation of MCAS Futenma to Henoko, the will of the

Okinawan people was made clear in last year's elections. It will be extremely difficult to build a new military base in Henoko.

MCAS Futenma was built on land seized from Okinawans forcibly without our consent, and it has been called the most dangerous air base in the world. It would be unacceptable to keep it in operation permanently. Furthermore, the idea that it must be relocated to Henoko in order to eliminate the danger it poses, or that Okinawans must propose an alternative solution if we don't like the current plan, is not something that the Okinawan people can accept.

It is impossible to build a cornerstone of peace if freedom, equality, human rights, and democracy are not guaranteed equally for all citizens. I strongly hope that the Japanese government will decide to cancel all work pertaining to the relocation of MCAS Futenma to Henoko, and that it will rethink its policy to reduce the burden of bases on Okinawa without being held down by preconceived notions.

In the world today, many people are losing their lives and having their dignity trampled on, as a result of regional conflict, terrorism, discrimination and poverty. Such tragedies occur every day. In order to face this reality and solve the problems that threaten peace, it is crucial that each and every one of us has a strong determination to proactively pursue peace.

In Okinawa, our forefathers acted as a bridge between the nations of Asia. As we approach 70 years since the end of World War II, we will inherit their embrace of all nations of the world and work to achieve development and peace in the Asia-Pacific region.

For the sake of our children and grandchildren who will inherit the future, we will create wealth we can take pride in, and strive for a rich Okinawa where there will be smiles on our children's faces for all time.

On this Day of Memory, I mourn for the souls of those lost in the war from the bottom of my heart, and I declare my determination to work tirelessly to build a bright future for Okinawa as a place to promote everlasting peace.

June 23, 2015 LewChew Governor Takeshi Onaga

[琉球独立 Okinawan Independence 北海道独立 Free Ainu](#)

Karina Satomi Matsumoto - Okinawando

Formada em Ciências Sociais, foi eleita presidente do círculo de ex-bolsistas de Okinawa, Urizun em 2015 e ocupa atualmente este cargo. Na mesma época em que se tornou presidente do Urizun, organizou uma série de palestras e exposições na programação do Festival anual da vila Carrão e outros eventos do Urizun. Sua palestra no Okinawa Festival foi intitulada "A Batalha de Okinawa ainda não acabou." Foi bolsista pela modalidade que remete aos antigos magiri, atuais shi cho son, as cidades, vilas e bairros de Okinawa, além das muitas ilhas do arquipélago. Os descendentes dos emigrantes saídos de pequenos locais em Okinawa são recebidos no

programa de bolsas chamado kenshusei. A existência destes programas promovidos pelas prefeituras das shi cho son não possui correspondente nas outras províncias ou ken do Japão. Considero assim os programas de intercâmbio como um forte indício do intenso fluxo existente entre Okinawa e os chamados uchinaanchu *overseas*, que representam um terço dos okinawanos étnicos, dispersos pelo movimento migratório iniciado em 1899. Karina permaneceu por dois meses como bolsista pela cidade de Kadena em 2008. Grande parte do território da pequena vila é hoje ocupada pela base militar Kadena, considerada uma das mais perigosas em atividade. A conheci no início de 2014, finalizando o período de um ano de bolsa kenpiryugakusei iniciado em 2013. Permaneceu dois anos em Okinawa, e juntamente com Victor Hedeki Higajo, seu companheiro, designer e bolsista kenpiryagasei de 2014 e Uruma 2009 criaram o blog “Okinawando”, Karina escreve e Victor fotografa.

Relata suas experiências e pesquisas em muitas postagens que abordam do rock à presença das bases, de rituais aos locais sagrados de Okinawa, e muitas postagens sobre as descobertas de lugares marcados pela II Guerra e seus vestígios. Em 23 de junho de 2016, feriado em Okinawa por ser o dia em memória aos mortos na Batalha de Okinawa, Karina postou a tradução de um texto que escreveu em japonês, a fim de participar de um concurso de oratória. Neste texto revela ter ido a Okinawa interessada em pesquisar sobre as bases, mas que se voltou à pesquisar sobre a Batalha de Okinawa. Comentou:

Infelizmente, não ganhei o concurso da província de Okinawa. Mas, ganhei uma caneta “de chefe”, num estojo de madeira, um certificado, e um elogio de um dos jurados, que veio falar comigo no final, dizendo que gostou do tema que abordei e que os jovens deveriam pensar mais sobre esses assuntos, o que me deixou feliz.

Por ser um discurso e escrito originalmente em japonês, algumas partes desse texto de 2013 já não me agradam mais. Mas gosto porque ele apresenta uma das coisas que eu mais falo sobre Okinawa: a guerra ainda não acabou. Você, que vai viajar para Okinawa, lembre que seus vestígios não estão só no Museu e no Memorial da Paz. Eles estão por todos os lados. As feridas só foram cobertas com um band-aid – Okinawa foi reconstruída e hoje é um lugar lindo e alegre. Mas por dentro há aquela dor que, mesmo depois de 71 anos, ainda persiste – pelo menos enquanto a questão das bases militares, das bombas não explodidas, dos corpos não encontrados, entre outras, não forem resolvidas.

<https://okinawando.wordpress.com/2016/06/23/a-batalha-de-okinawa-ainda-nao-acabou/>

Em Okinawa, Karina foi meu primeiro elo de ligação com os demais bolsistas e suas atividades. Em entrevista contou sobre sua trajetória familiar e interesses de pesquisa sobre a batalha de Okinawa.

Karina Matsumoto: Então, meus avós são jovens, os meus pais são jovens também. Eu acho quando eu voltar eu vou perguntar tudo, mesmo as coisas sobre a guerra, porque agora aqui eu ia estudar mais sobre base militar, só que aqui eu comecei a estudar mais coisa sobre a guerra. As coisas que aconteceram também indo em vários lugares a gente percebe que tem muito vestígios da guerra, tem um, eu fui visitar um senhor que ele procura ossos de pessoas mortas na guerra, o que ainda tem muito lugar que tem muitos ossos não encontrados, ossos e bombas, ne, e tipo, ele está procurando osso. Escavando. Por conta própria, porque ele é agricultor, ele é agricultor, e ele pesquisou onde teve uma batalha, aí agora ele está lá em Nishihara que tem uma parte que só tem mato, tudo, agora ele está lá, vai lá e fica buscando as coisas, aí começa a achar, começa a achar não sei, roupa, pedaços, estilhaço, não sei o que, aí vai lá... Quando eu fui lá, ele tinha acabado de encontrar um corpo inteiro de um soldado, então estava lá ainda porque eu acho que depois ele tenta devolver para os parentes. E ele tem muito isso, enquanto eles não descansarem eu também não vou descansar. Deve ter uns cinquenta anos, ele não passou pela guerra. Ele não passou pela guerra, mas ele tem essa ideia de buscar tudo, tipo, ele sabe muitas coisas, ele é agricultor, imagina, mas ele, ah, esse osso é daqui esse osso é dali, não sei o que. Achou muito, e ele também reclama que, por exemplo, em Naha onde tem um *Main Place em Omoromachi* teve uma batalha ali bem, que morreu muita gente, e assim, vai passando o tempo vai ficando tudo enterrado, ne. Então, e tinha uma área que ele queria escavar para procurar, porque sabia que ali tinha, aí ele foi, e ele também meio que criou um grupo, ne esse grupo que procura ossos, e chamou um pessoal que era os desempregados, moradores de rua para trabalhar nisso, eles ficaram lá acharam vários, fizeram o trabalho vários dias, mas teve uma hora que eles falaram, não chega, ele falou a gente tá, tem mais, a gente está achando, vai continuar achando.

Yoko Nitahara: Mas quem falou chega?

Karina Matsumoto: O pessoal da obra, com permissão da prefeitura. Então tipo, meio que só uma parte eles conseguiram escavar, e a outra parte já era construída. Alguns tem identificação, ne, outro não tem ainda, e mais difícil. Mas isso é uma coisa que lá no Brasil a meu Oba sempre falou muito da guerra, os meus avós assim, depois da guerra, durante a Guerra eles pequenos, então eu não escutei muita coisa, mas vindo aqui, sabe, tipo, aí eu tive muita noção do que foi a guerra, que foi tudo devastado, porque quando você é criança você ouve assim, ah, foi a guerra, tinha bomba, que eles esconderam tinha bomba, eles estão vivos assim, isso que você escuta... Minha Oba achava que ela tinha se escondido em caverna, mas eu acho que a família dela, como eles tinham mais dinheiro eles fizeram um esconderijo embaixo da

terra, eles se esconderam lá. Minha obá falou que ela estava escondido que ela achava que era uma caverna, mas não era, que a irmãzinha menor estava chorando, não sei se tinha soldado, não sei o que que foi, se outra família, se ela não parar de chorar vai ter que sair ne... E ela parou, tipo, graças a Deus ela parou de chorar... É muito triste, fora essa coisa assim, da culpa dos familiares, eu acho que isso que é muito forte, porque não sei... Então, tem uma caverna lá em Yomitan que chama Chibichiri gama, ne, que lá tinha umas enfermeiras que foram trabalhar, que foram para a guerra, para uma batalha em alguma ilha do pacífico, como, com o exército japonês, e elas contaram os horrores que os japoneses faziam quando encontravam os inimigos, então falaram não os americanos não podem contra a gente, eles estavam escondidos dentro dessa caverna, quando os americanos encontraram, ne, aí tipo, o pessoal começou a se matar, então é uma caverna que é conhecida hoje por muita gente ter se matado lá dentro, ne, e a maioria era criança, jovem. Eles só contaram toda a verdade, os que sobreviveram, contaram toda a verdade só nos anos oitenta, porque eles estavam com culpa assim, não queriam falar, porque eles sobreviveram, aí depois eles contaram e construíram um monumento lá, aí um movimento de direita foi lá e quebrou o monumento. Chibichiri-gama. Só não dá para entrar na caverna porque depois que eles quebraram o monumento, e tal, ne, eles fecharam, e não dá mais para entrar nessa caverna, mas fora tem umas pedras e tal, o pessoal vai lá e deixa Tsuru, tal é bem triste.

A visita a esta caverna, Chibichiri Gama me foi relatado por vários bolsistas. Eu mesma a visitei acompanhando um grupo de uchinaanchu americanos, em uma viagem de estudos organizada por Eric Wada e seu grupo cultural Ukwanshin Kabudan, sediado em Honolulu. Por ser um grupo de descendentes de okinawa em sua maioria, fomos autorizados a entrar na caverna onde ainda existem pequenos ossos humanos além dos instrumentos utilizados para o suicídio, como lâminas de ferro já enferrujadas, cacos de vidro e partes de garrafas quebradas. A reprodução da cena encontrada na caverna, com esqueletos de cerca de oitenta pessoas dispostos na pequena caverna foi reconstruído após ter sido alvo de vandalismo por grupos de extrema direita.

Karina segue alimentando de postagens o blog Okinawando e organizando eventos de divulgação das bolsas shi cho son e kenpi ryugaku bem como de preparação dos futuros bolsistas. O blog foi criado em dezembro de 2014, pouco antes de seu regresso ao Brasil e as postagens prosseguem com temas interessantes e revisitações em datas como o 23 de junho, feriado apenas em Okinawa e não no restante do Japão, o dia em memória aos mortos da Batalha de Okinawa. Em uma de

suas postagens ela explica inclusive que tal feriado teve o dia trocado ao se descobrir que o suicídio do general Ushijima ocorreu ainda no dia 23, não no dia 24 como pensavam. Reitera com frequência o sentimento de tristeza comum a muitos okinawanos e descendentes na expressão “A Batalha de Okinawa ainda não acabou”.

Keiko Taira – Sobrevivente do navio Tsushima Maru torpedeado pelo submarino americano Bowfin

Eric convidou Keiko Taira para relatar aos participantes do *study tour* sua experiência. Na associação comunitária, ou *shiminkaikan*, de Ogimi, ouvimos sua história como uma entre os cinquenta e nove sobreviventes do Tsushima Maru. Quando a guerra se aproximava, cinco navios civis levavam de Okinawa para o sul do Japão, Kyushu, muitos moradores, principalmente estudantes. Algo como uma troca para que Okinawa, já sofrendo escassez de alimentos, recebesse militares japoneses. Entre eles estava o navio Tsushima Maru que evacuava para o Japão 826 crianças em idade escolar, entre os 1484 civis, e foi torpedeado pelo submarino Bowfin, em 22 de agosto de 1944. O navio trazia bandeiras sinalizando que transportava civis, mesmo assim os torpedos foram lançados e três atingiram o Tsushima Maru, que naufragou rapidamente.

Keiko Taira passou seis dias no mar e sobreviveu devido a ser uma boa nadadora. Relatou que no bote/jangada em que se agarraram dez crianças, ela era a única menina, então com nove anos. Keiko acredita que não sobreviveria mais um dia no mar. Seus cabelos foram perdidos e a pele muito queimada com a ação do sol e do sal. Sua aparência, segundo relata, causou tamanho susto em um garoto que este, ao se deparar com Keiko, gritou e saiu correndo. Após ser resgatada em Amami Oshima, foi dito a todos que estavam no navio que não poderiam falar sobre o naufrágio. Algumas pessoas que fabricavam tecidos em Amami, cuidaram de Keiko por seis meses até que pode reencontrar sua mãe. No momento do reencontro, teve que encarar sua tia, que lhe dirigiu duras palavras: você deixou sua prima no mar. Creio ser interessante a transcrição do relato, com cortes (Eric traduzia para o inglês a narrativa de Keiko).

Eric - The attack was in the middle of the night, all she remembers hearing in this darkness was children crying for their parents, yelling, screaming. It only took 11 minutes for the ship to sink. The waves saved her get on raft to escape. So many people were in the raft, so people

were hanging on, when somebody died, they threw that person out and somebody else would come inside. Sharks came. So, they were afloat on the sea, a plane came, they thought it was American, but they saw the round mark. They waved at the plane, and the plane went off and came back, threw stuff down to let them know that they saw them and were going to come rescue. So, they were rescued and taken to Amami Oshima. The doctors saw them and checked them, and then the next day, the Japanese came and told them they are not allowed to talk about what happened, because they would think Japan lost the war. She was by herself, and then the lady asked her, “Where are you from?” So she said, and the lady said she were from very next. She gave something to eat. So she said, “Why don’t you come to my house?” She changed her clothes, her undergarments, the lady said, “Is that made from your mom’s kimono? This you have to keep.” And she folded it and gave back to her. There was a guy from the same village across, so she told him to come. Are you heading for Naha? He asked her dad’s name, and she could remember because her father left when she was 4, to Japan. So, she told him the father’s name. He said, “He’s my friend, you’re my friend’s daughter.” He said, “I am going to take you.” He took her to the clothes store, bought her nice clothes and shoes. He sent to her mom a message saying that she was there and he would bring her back to Okinawa next February. So, it was time for her, finally she could go back to Okinawa, and on the way back, the attacks started, so they stopped on Yoron island, they had to hide under a brush. They came and she reached her village, the village was also been attacked when she got there. So, she finally met her mom. The rest of the family came too, and her cousin, that went with her in the boat, her aunt was there too, she said that after she got there, she felt really sad, because the aunt was next to the mom, and she couldn’t celebrate because her daughter didn’t come back. So, the aunt looked at her and said, “You came back and you left your cousin in the ocean.” So she said those words from her aunt really hit her and hurts her until today, and she feels that she was the one that let her cousin die. On the shores of Oshima, there were parts of bodies, and also parts of the ship, and when they turned over, there were kids tied to the ship. So, she said war is caused by the countries. Japanese government way of hiding the stories and making it change so that the next generation people will now forget and it doesn’t get passed on. Even some historic places, they’ve changed, so that they don’t know too much of what really happened during that time.

São marcantes neste relato as coincidências ligadas ao local de origem de Keiko. As redes de solidariedade entre os *shimanchu* ou conterrâneos, mesmo em um período de guerra, foram acionadas. A dedicação à tecelagem do bashofu foi reconhecida pela primeira senhora que nascera em uma vila próxima. Assim, ofereceu comida e trocou suas roupas, dizendo para Keiko que guardasse o kimono feito por

sua mãe. As redes de amizade de seu pai, que partira para Tóquio cinco anos antes, foram acionadas, também por coincidência. A primeira senhora chamou este homem que acabava de chegar em Amami vindo de Naha para conversar com Keiko. Ao dizer o nome de seu pai, o homem o identificou como um amigo, assim levou Keiko para sua casa, comprou roupas e sapatos. Mandou correspondência para a mãe Toshiko Taira, que respondeu à carta. Como o governo japonês proibiu que se falasse sobre o torpedeamento do navio, ninguém em Okinawa teve notícias, não chegava nenhuma informação sobre nenhuma das outras 40 crianças que deixaram a vila.

Como sabemos, o submarino foi transformado em museu aberto à visitação em Pearl Harbour, Honolulu. Além de traduzir para o inglês, Eric fez ponderações sobre a sua posição enquanto americano. Em meio à comunidade uchinaanchu do Havaí, que Eric considera ser formada por militares propriamente ou pró-militares, afirma ser difícil que aceitem discutir a possibilidade de que o Bowfin tenha feito coisas ruins. Assim são narrados seus sentimentos quanto aos atos de atrocidade cometidos por seu país:

Eric - She is asking for our help, for us to work for peace, and for people to understand how war is, so that Okinawa can be a center for peace and spread that word. She really believes Japan is on the path to fighting again. For me, it's hard I feel very responsible as an American citizen, because it's our country making the Okinawan people suffer. So, it's my responsibility to bring people on our tours to know these stories, and understand what they're going through, so that we can tell all of us in Hawaii. The problem that I found while talking about this in Hawaii and then mentioning the Bowfin is: you have people who believe the Bowfin did more good than bad, because it's sunk so many Japanese warships. They come out and say "Don't put the submarine at bad light." And even in the Okinawan community we got that. It is because you have people who either work for the military or they are very pro-military, and to us, it has nothing to do with military, it is history. I personally think it shouldn't be displayed as a war hero, or at least they should write about that they also sunk a passenger ship, acknowledge it happened. But there are people within our own Okinawan community who don't want to hear about these kinds of things. But, as she said, that story should be told.

Em Naha, próximo ao porto, foi construído um museu em memória do navio Tsushima Maru, com reprodução das ondas com cordas e botes/ flutuadores onde se agarraram os sobreviventes. O museu é pequeno, em um prédio novo. Os "botes salva-vida" na verdade mais pareciam jangadas, bambus amarrados ou mesmo madeiras com cordas para se segurar. Eram três modelos colocados em cordas em

uma área de pé direito duplo, sobre cordas imitando ondas do mar. No andar térreo, há muitos objetos dos estudantes expostos. Mapas, objetos pessoais como mochilas e estojos com lápis das crianças. Havia muitas fotos em preto e branco. A entrada do museu se dá no andar superior, onde é projetado um filme sobre o naufrágio. Como em outros locais que lembram mortes numerosas, são depositadas quantias incontáveis dos pássaros *tsuru* de *origami*, uma crença prega que ao fazer mil *tsuru* um desejo é realizado.

Mídia ante a ocupação: Ryukyu Shimpo, Okinawa Times, e seu especialista para bases Tomohiro Yara

Os dois maiores jornais de Okinawa se mostram posicionados contra a construção de um heliporto em Takae e da base e o aterro de um coral para abrigar um porto de submarinos e outras instalações em Henoko, ambos na ilha central de Okinawa. Assim cobrem protestos e entrevistam os participantes que, em sua maioria, são idosos. O carro de som que vi circular quase diariamente em Naha apoiando e agradecendo a presença americana atacava estes jornais por seu posicionamento anti-bases.

Tomohiro Yara, *watcher of base issue* do jornal *Okinawa Times*, apesar de não se mostrar muito confortável na posição de entrevistado, conversou comigo não sem inicialmente fazer vários questionamentos para entender o que eu queria e qual era o meu trabalho. Após expor minha proposta de pesquisa sobre a formação da rede transnacional *uchinaanchu*, Tomo Yara, como é mais conhecido, atendeu meu pedido de narrar sua trajetória. Me contou que nasceu e cresceu perto das bases e que durante o período de administração americana as bases eram acessíveis aos moradores para, por exemplo, praticar esportes em suas instalações. Seu pai ganhava a vida alugando apartamentos, que construiu nas terras da família, para os militares americanos. Tomo admitiu que para sua jovem visão de mundo aquele cenário composto pelas instalações das bases militares envoltas pelas áreas residenciais densamente povoadas era “normal” ou “natural”. Em suas próprias palavras:

The place I was born is Kitamae. So our neighbour was Americans. My father was a base worker. And he built houses. Rented apartment. So the place we played, when I was kid, with my friends, was inside the base. At that time Okinawa was still under the US military control, before the reversion to Japan. Before that, there was no restriction to go into the base. They had a very nice gymnasium. I was born and grew up surrounded by the base. So the

scenery with the military base was so natural for me. So I have no questions about military bases. ... I will never question why US military are here, why. But a thing was change when I went to Philippines. University, economics. Philippines have so many social problems. Rich and poor, and so many problems, right. When you go to downtown there are so many kidnaps, so many robbery. The social issue there that I wasn't so much familiar with. So that society was entirely different. So it was quite shocking to me. That is where I became concerned about social issues. Then I realized the US bases issues here in Okinawa. So I know this debit. I recognized that when I went outside, when I got a chance to look back what the situation of my country. I was looking for the job. So I told myself, well, this maybe good, to be with the social movement. So I want to monitor. I want to build the social change. Then I told, what is a good, you know, what should be a good moderator, watcher of the society. My answer was, well, journalist may be good. That is how I became reporter of Okinawa Times. Local newspaper company in Okinawa. I became base issue reporter. Since then I am watching the base issue. That is how I became a reporter.

Passamos a conversar sobre o Forum onde pela primeira vez soube de seu trabalho, ao ouvir, no Havaí, sua palestra e debate, com militares americanos, sobre a presença das bases em Okinawa.

Tomo –I myself, I found very good, good fact from, what, Mr Gregson former US marine commander was saying.

Yoko –He spoke one thing that I never forgot. “Geography is destiny”.

Tomo – Right, why geography is destiny? Oh my God. What century are you living in? Eighteenth century? Oh my God. I am so sorry about that, but you know. At the end of symposium panel discussion I ask him question. I ask him if Japanese government offer you military base where US marine can move to mainland. Would you answer, would you take that offer? The answer of mister Gregson was that there was no proposal from Japanese government. Right. (...) According to mister Gregson, they can move. However, there was no such a proposal from Japan. So technically speaking it was only Japanese government decided it. Okinawa as a host of this US military. It was very interesting symposium for me. Because you know, Gregson is a very key person, I mean he is famous. He said it was Japanese government who decide to put the base in Okinawa. It was interesting.

A trajetória de Tomo Yara é reveladora da dinâmica de tomar consciência da realidade histórica e identitaria de Uchinaa ao ter uma perspectiva de fora. Como muitos outros entrevistados, ativamente se empenham em construir as conexões da

rede uchinaanchu e, no caso de Tomo Yara, lutar por uma causa para a qual é necessário que seja feita justiça.

Intelectuais ante a ocupação: Shun Medoruna e literatura contemporânea

A presença das bases e sua influência econômica têm gerado sérios conflitos, dilemas e manifestações. Os uchinaanchu sofrem com o drama de pregar a paz, mas ter no território de seus ancestrais bases militares promovendo a guerra. Mais do que o terror da violência das seguidas investidas militares, os uchinaanchu sentem que a dimensão moral de suas existências é atingida e insultada ao também sofrerem crimes cometidos pelos americanos em seu solo. Lalima Varma (1980) analisa as demandas e dilemas dos movimentos pela retirada das bases americanas do território de Okinawa, bem como os interesses americanos ali.

Thereafter this poor, typhoon-ridden island, long ignored, came into prominence. After the Second World War the United States had no plans to withdraw from the Pacific. The main reason why the United States decided to keep the Ryukyus under its control after the war was to prevent Japan from extending southwards once again. However, with the success of Communist China in 1949, and especially with the outbreak of the Korean War in June 1950, the entire US policy in the Far East underwent a change, and Okinawa once again gained importance because of its strategic location. After 1950 the United States developed the island chain systematically as an important forward military base. Indeed it looked upon Okinawa as a “vital link” in the anti-Communist defense perimeter running from the Aleutians to the Philippines... However, though the Okinawans have constantly been demanding the withdrawal of US personnel and closure of the military bases, in reality they cannot economically afford it. Okinawa’s economy is heavily dependent on the United States. After the war there came about a sudden transformation in the structure of the economy of the island. The US military bases became the mainstay of the Okinawan economy since the islanders earned large sums of US dollars from those bases. This indicates that the Okinawan economy was chiefly a “military base economy in the form of a dollar economy”. (Varma, 1980: 12)

Pela perspectiva uchinaanchu, a posseção americana de seu território como parte da negociação pela liberdade do Japão foi uma tremenda falta de reconhecimento de Okinawa como parte do Japão. Em um primeiro momento o movimento pela reversão argumentava em torno do reconhecimento de sua cidadania japonesa. Após a reversão, o apelo e mobilização se voltaram à demanda pela retirada

das bases. No entanto os americanos têm fortes interesses estratégicos políticos e militares na área, o que faz com que permaneçam ocupando as bases e operando sua máquina de guerra a partir de Okinawa, mesmo com a reversão ao Japão. Grosso modo pode-se dizer que a reversão não implicou em mudança significativa na vida cotidiana em Okinawa. Masamichi Ynoue, que pesquisa a questão das bases em Okinawa afirma que

Okinawan frustrations have not been limited to U.S. military policy and presence. The Japanese government, both before and after its resumption of sovereignty, has marginalized Okinawa, consistently sacrificing its interests to those of the forty-six other prefectures, above all by maintaining the preponderance of U.S. military forces there. The Japanese government has not ignored Okinawa. But its nearly five trillion yen investment in the years 1972-96, largely in the form of public works, has done little to create a basis for sustainable development in Japan's poorest prefecture. Quite the contrary. The agricultural and fishery economy, the distinctive biological and zoological endowment, and Okinawan society have suffered vast social, economic, and ecological damage as a direct consequence of Japanese-financed construction. (Ynoue, 1997:82)

Para além da questão da dependência econômica com relação à presença das bases militares a dimensão do insulto moral a todo o povo uchinanchu é sentida nos crimes e mortes relacionados aos militares americanos em Okinawa. O próprio Masamichi Ynoue inicia seu artigo falando sobre o estupro que reacendeu o debate em torno da problemática da dominação americana em Okinawa. Houve de fato grande visibilidade na mídia e comoção popular em torno deste acontecimento. Cerca de 80.000 uchinanchu, compartilhando o sentimento de impotência extrema, participaram de uma manifestação devido ao rapto, espancamento, estupro e assassinato de uma garota de 12 anos em 4 de setembro de 1995 por três militares americanos.

Este crime na verdade se seguiu a uma longa lista, como publicado em japonês pelo *Ryukyu Shimpo-sha* na matéria “Bases em Okinawa” em 1996. Em 09/09/1955 uma menina de 6 anos foi sequestrada, violentada e assassinada em Ishikawa. Um sargento da base de Kadena foi denunciado e sentenciado à morte, porém teve a pena reduzida ao ser transferido para os Estados Unidos. Em 30/06/1959, 17 crianças foram mortas e 107 feridas devido à queda de um caça na escola primária Miyamori em Ishikawa. Em 20/05/1966 um motorista de taxi a serviço das forças americanas foi

assassinado em Naha. Em 24/07/1967 outro taxista foi assassinado por um soldado em Urasoe. Em 30/05/1970 uma estudante foi esfaqueada por um soldado em uma tentativa de estupro. Em 28/05/1973 uma mulher foi estuprada por 10 soldados em Koza. Em 23/10/1974 uma mulher foi estuprada e assassinada por um *marine* em Nago. Em 19/04/1975 uma estudante foi estuprada por um *marine* em Kin. Em 14/06/1991 um homem foi assassinado por um *marine* em Koza. Em 20/06/1991 um homem é assassinado por um *marine* no centro de Koza. Em 11/04/1993 um homem foi assassinado por um *marine* em Kin. Também em Kin ocorreu o crime de 04/09/1995. O JPRI (Japan Policy Research Institute, University of San Francisco) destacou estes acontecimentos na edição de dezembro de 1999 do JPRI Critique vol. VI nº 12, dedicada a publicar artigos a atualizar o público não nipônico nos preparativos do encontro G8 que aconteceu em 2000 em Okinawa. Uma pequena história Okinawana, foi o comentário e tradução feita por Steve Rabson, do JPRI para a crônica chamada Esperança, escrita por Shun Medoruma, publicada na edição noturna do Asahi shimbun de 26 de junho de 1999.

Shun Medoruma é o pseudônimo de um escritor okinawano, que em 1997 ganhou o prêmio Akutagawa com o texto Droplets, considerado a primeira obra literária pós-colonial de Okinawa. É professor de japonês em uma escola primária de Miyako, ao conceder entrevistas recusou-se a ser gravado ou fotografado e pediu para não revelar seu verdadeiro nome. No texto esperança, Medoruma constrói sua narrativa fictícia como se tivesse sido noticiado pelo jornal o sequestro e assassinato por estrangulamento de uma criança americana. Escreve que o assassino enviou uma carta ao jornal com os dizeres “o que Okinawa precisa agora não é manifestação ou passeata de dezenas de milhares de pessoas, mas a morte de uma criança americana.” Ao longo do texto o autor elabora críticas à dependência econômica de Okinawa em relação às bases. Descreve detalhadamente os lugares, visões, as ações, pensamentos e sentimentos do assassino, explicitando ter sido um plano que foi arquitetado na manifestação pelo ocorrido em 04 de setembro de 1995.

Os americanos ficaram chocados com o tema e o tom apresentado, mas foram forçados a considerar o real contexto trazido por esta peça de ficção. Não só a atitude deste escritor em publicar esta história como uma forma de reciprocidade negativa (Sahlins, 1965), de tentar através de uma obra literária amenizar a angústia da impotência diante da injustiça, como o conteúdo do texto explicita um modo de ser e

os valores caros ao espírito uchinaanchu. Escreve como se o fato tivesse causado um estado de confusão diante do inusitado.

Seria inimaginável que aqueles okinawanos, tão dóceis, tão pacíficos, fizessem uso de tais táticas. O okinawano é, antes de tudo, um povo que segue orientações de seus líderes e participa das manifestações antiguerra ou antibase de forma ordeira. Até mesmo as facções ultra-radicais de esquerda estavam estupefatas. Aquelas que propõem guerra de guerrilha, mas que nunca causaram nenhum dano e que nunca cometeram ações terroristas ou sequestros contra pessoas do poder ou montaram algum ataque armado. Okinawanos são como bichos que se aninham redor das terras arrendadas, vivendo do subsídio gerado pelas bases. Okinawa é chamada ilha abençoada pelo amor e pela paz. Isso me deu vontade de vomitar... Só os mais terríveis métodos alcançam resultados, pensei comigo mesmo. Voltei para a rua e cuidei para não apressar meus passos enquanto voltava para o meu apartamento. Então me sentei e escrevi o endereço do jornal no envelope. Enviei um chumaço de cabelos cor de palha. A imagem do rosto da criança veio à minha mente. Não senti remorso, fiz o que era necessário para esta ilha. (http://web.stanford.edu/group/sjeaa/journal151/japan/SJEAA_Vol15_Japan_DropletsByMedorumaShun.pdf)

O texto não se trata de uma crítica ao modo de ser uchinaanchu, mas à sujeição a que foram submetidos pela política externa e negociações entre Estados Unidos e Japão. A delicada situação dos okinawanos, uma minoria étnica e linguística hoje anexada ao estado Japonês, também tendo seu território usurpado e manipulado em ações de guerra americanas mostra que as injustiças do mundo contemporâneo infelizmente tem se agravado com a política externa hegemônica americana.

Considerações finais

Ao abordar o histórico de Okinawa é impossível não tocar no assunto polêmico da ocupação pelas bases militares americanas, em torno do qual tem havido demandas e mobilização popular. Os maiores problemas enfrentados pelos uchinaanchu dizem respeito à relação de imposição dos acordos entre Japão e Estados Unidos em seu território. As mobilizações e reações da população demonstram um modo de pensar e estar no mundo permeado pelas articulações e valores do espírito uchinaanchu. A forma de encarar a complexa situação político-geográfica de Okinawa é perpassada por elementos caros ao espírito uchinaanchu. Este simbolismo é vivido de forma intensa pelos *uchinaanchu* e é considerado a força, um algo a mais que age

no sentido de agregar o sentimento e reconhecimento mútuo do pertencimento identitário.

Constantemente a memória relativa à II Guerra Mundial está presente nas falas do okinawanos de diversas gerações. O interesse em estudar e pesquisar sobre o que de fato ocorreu nas terras de seus ancestrais, com parentes e vizinhos, a morte e sofrimento são de fato marcante em muitas trajetórias de vida. Resgatando e repassando histórias extremamente tristes, estes uchinaanchu buscam incansavelmente o estabelecimento da paz. Reavivar lembranças e relatos, visitar locais onde tragédias aconteceram tem o firme propósito de não permitir que aconteça novamente. Os uchinaanchu que a pesquisa trouxe, com trechos de suas vidas e relatos nas entrevistas e depoimentos colhidos por mim, revelam toda uma vida, estudos, formação profissional dedicadas às temáticas envolvendo Okinawa. Os fluxos em que se engajam atravessam fronteiras nacionais em um pertencimento compartilhado. As conexões estabelecidas nos fluxos constantes, de pessoas e conhecimentos entre as comunidades uchinaanchu diaspóricas e Okinawa contruíram uma rede transnacional que luta por não deixar se perder detalher dos horrores da Batalha de Okinawa. Para que não esqueça, para que não se repita, para se alcançar a paz.

Bibliografia

- CHINEN, J. (ed.) *Uchinaanchu Diaspora: Memories, Continuities and Constructions. Social Process in Hawai'i*, volume 42. Honolulu: University of Hawai'i Press. 2007.
- DAS, V. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press. 1995.
- KOJIMA, S. Remembering the Battle of Okinawa: The Reversion Movement. In *Uchinaanchu Diaspora: Memories, Continuities and Constructions. Social Process in Hawai'i*, volume 42, ed by Joyce N. Chinen. Honolulu: University of Hawai'i Press, p 137-168. 2007.
- MARCUS, G. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. In *Annual Anthropology Review 24*: 95-117. Palo Alto: Annual Reviews. 1995.

NITAHARA SOUZA, Y. *Suupa Uchinaanchu: A construção da rede Transnacional Okinawana*. Tese defendida no PPGAS – DAN – UnB. 2016

YAMASHIRO, J. *Okinawa: uma ponte para o mundo*. São Paulo: Cultura Editores Associados. 1993.